KARL MARX

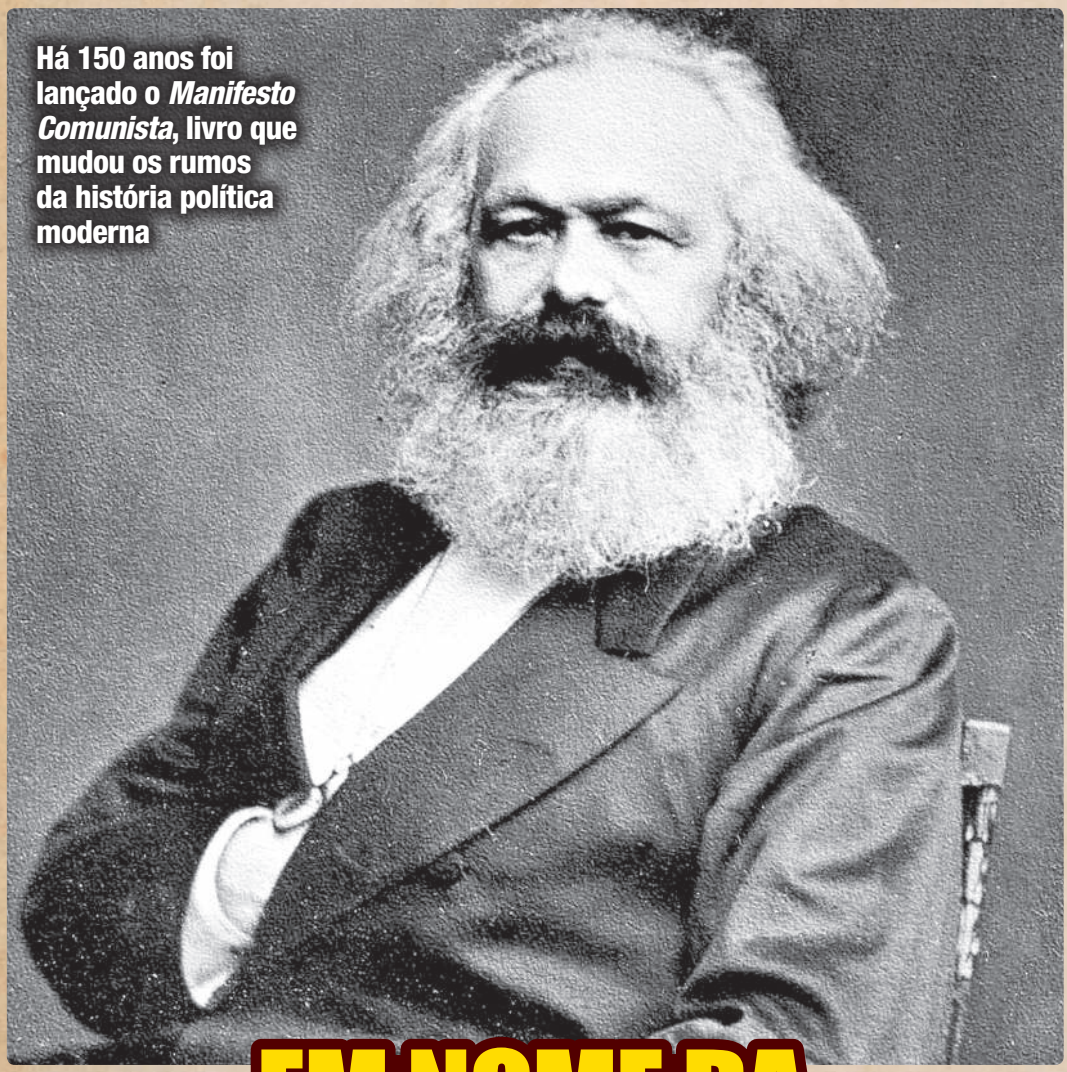
A trajetória, as propostas e o legado do pensador alemão

HISTÓRIA EM FOCO

alto astral

R$19,90

História em Foco - Ano 3, nº 30



Há 150 anos foi lançado o *Manifesto Comunista*, livro que mudou os rumos da história política moderna

EM NOME DA REVOLUÇÃO

Os ideais de Karl Marx, a crítica ao Estado, ao capital e a defesa de uma nova organização social: o que ainda reflete nas decisões políticas e econômicas no mundo?

Ines249

200 ANOS de história

O século XIX foi um período de grandes transformações econômicas e políticas. O ano de 1848, o mesmo da publicação do *Manifesto Comunista*, que completa 150 anos, é lembrado pela Primavera dos Povos na Europa, com a reivindicação do direito ao voto e da redução do número de horas da jornada de trabalho. Além disso, foi em 1818 que nasceu um dos principais responsáveis pelo surgimento da sociologia moderna: Karl Marx. Para explicar por que o filósofo recebe essa alcunha, resolvemos desenvolver esta edição de *História em Foco* e contar um pouco de sua trajetória. Abordamos sua infância, os intelectuais que o influenciaram e seus estudos no início da vida adulta. Depois, falamos sobre sua análise do sistema capitalista, a revolução proletária e conceitos como materialismo histórico, luta de classes, mais-valia, entre outros. Citamos ainda as principais figuras políticas e intelectuais influenciadas pelos escritos marxistas. Por sua vez, foram elas que desenvolveram as próprias vertentes e pensamentos que, atualmente, ajudam a analisar o funcionamento da sociedade. E apesar de ser necessário analisar Marx à luz de seu tempo, mostramos que algumas de suas ideias permanecem vivas. Por último, abordamos as críticas sobre suas obras e os anos finais até sua morte.

Boa leitura!
A redação

Ines249

ÍNDICE

Primeiros passos
A família abastada, a influência iluminista, a passagem pelo jornal *Rheinische Zeitung* e os estudos de Karl Marx até 1843

Século de mudanças
O contexto do século XIX é necessário para entender o período em que o filósofo desenvolveu suas obras

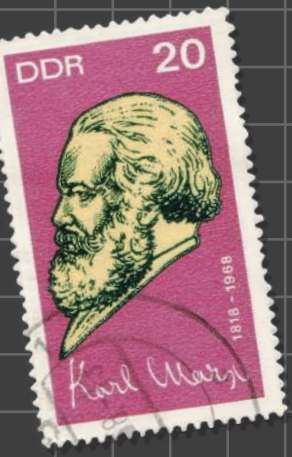
Análise do mundo
A observação histórica das relações sociais e do sistema econômico promoveram o surgimento de novos conceitos e uma alternativa para o capitalismo

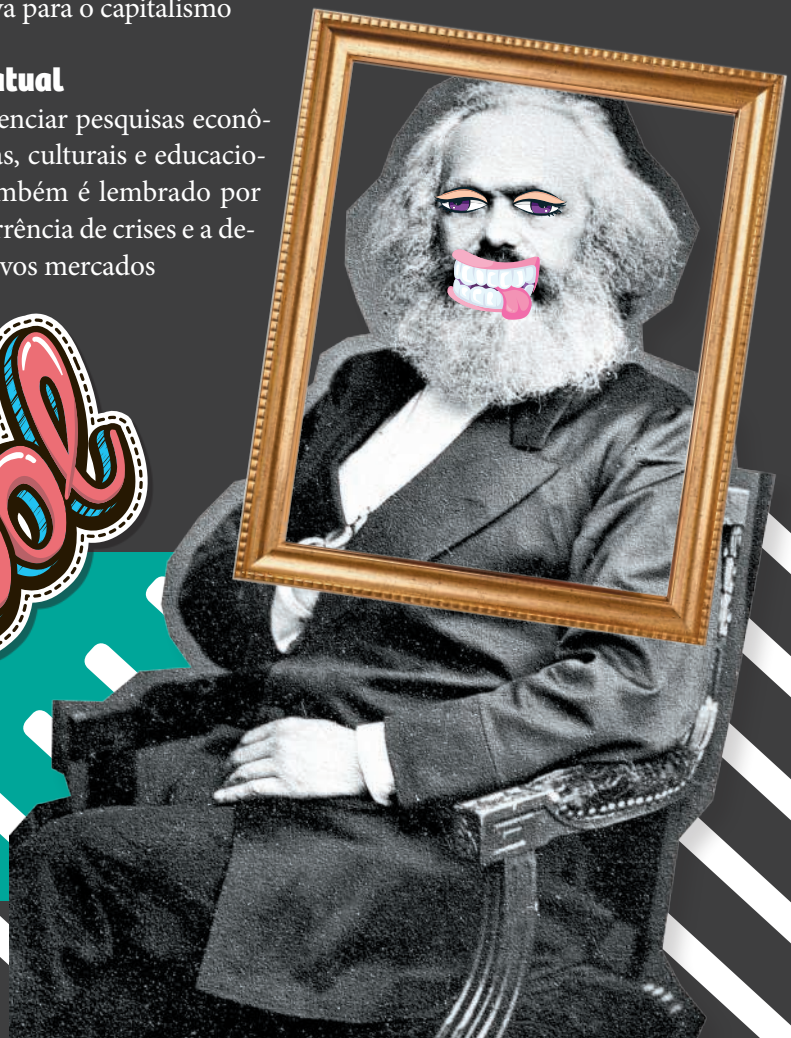
Ainda atual
Além de influenciar pesquisas econômicas, políticas, culturais e educacionais, Marx também é lembrado por abordar a ocorrência de crises e a demanda por novos mercados

Figuras marcantes
Ícones históricos e revolucionários influenciados pelas propostas marxistas

Discordâncias
Entre as diversas críticas, destacam-se a restrição do contato com a obra, a indução à violência e o predomínio da ideologia nas universidades

Últimos anos
O casamento e a amizade com Friedrich Engels que culminou na conclusão e publicação de *O Capital*

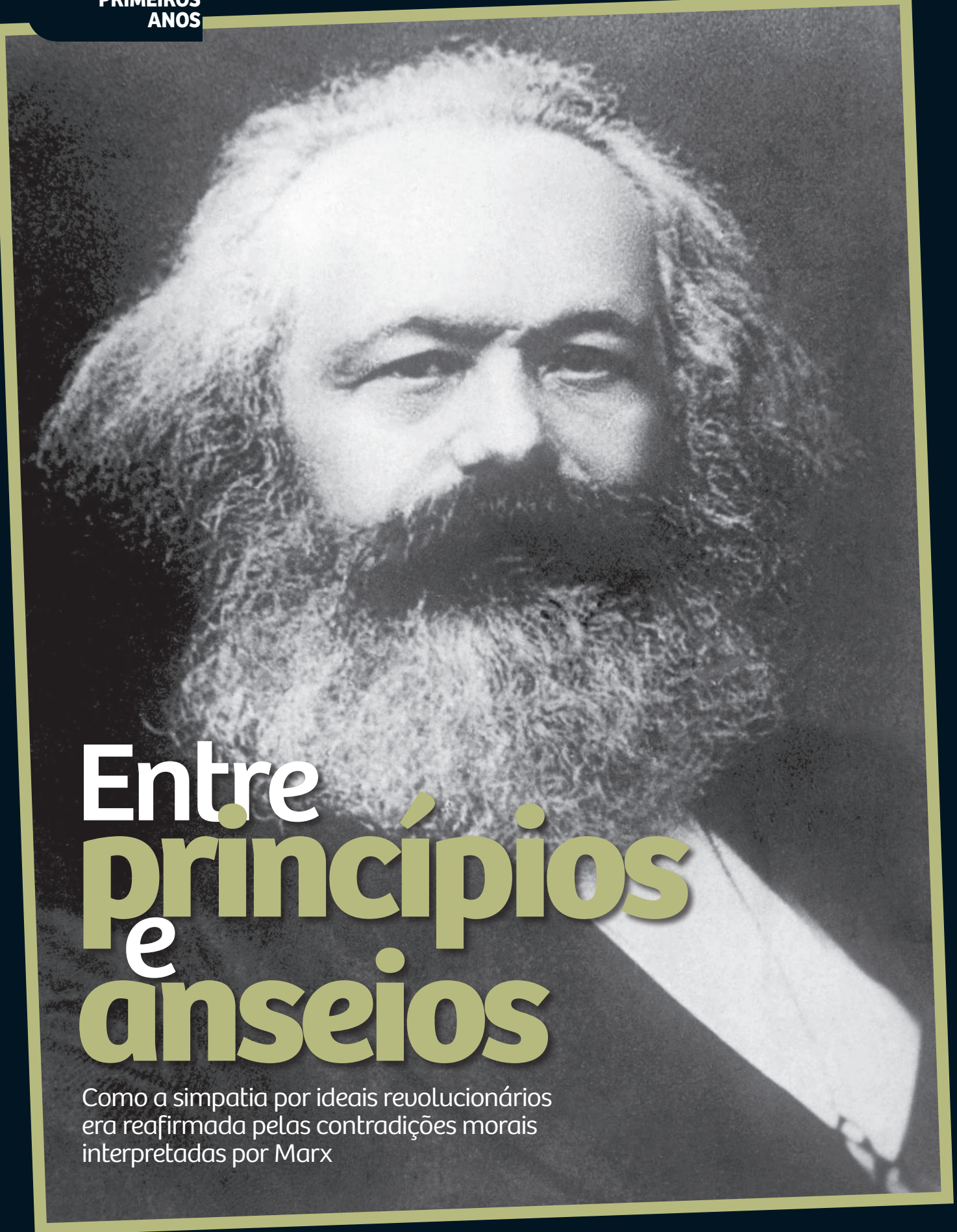




WIKIMEDIA COMMONS

CAPA
Imagem Wikimedia Commons

Ines249



Entre princípios e anseios

Como a simpatia por ideais revolucionários era reafirmada pelas contradições morais interpretadas por Marx

Ines249

O legado de um homem pode ser medido pelo quanto suas ideias reverberam e influenciam pessoas e gerações. A possibilidade de reinterpretação, reafirmação e ressonância de seus pensamentos são alguns dos sinais de que é possível deixar marcas profundas em sociedades e inspirar microrrevoluções em grupos sociais e instituições que, em maior ou menor grau, tenham impacto na sociedade.

Karl Marx é um exemplo de que o olhar atento à sua volta e a munição de conhecimento, aliados a um tato perceptivo e interpretativo podem ser atemporais. Dois séculos depois de sua morte, suas concepções a respeito de temas intrínsecos ao modelo de sociedade majoritário global – e as relações regidas por ele – embasam inúmeras explicações e perspectivas dos acontecimentos e as transformações que moldaram o mundo que conhecemos hoje.

Para entender essas concepções, suas influências e origens, é preciso um passo atrás. Sua ascendência e descobertas ditaram a forma com que Karl encaminhou seus estudos e o desenvolvimento das mais célebres obras que até hoje são referência para entender a sociedade moderna.

Karl Marx é um exemplo de que o olhar atento à sua volta e a munição de conhecimento, aliados a um tato perceptivo e interpretativo podem ser atemporais.

Primeiros passos

Marx nasceu em Tréveris (em alemão, *Trier*), cidade da província de Renânia (Rhine), pertencente à Prússia. Seu pai, Heinrich Marx, lhe emprestou o segundo nome e as influências judaicas que permearam sua família. Não pra menos, Karl era neto de um rabino, Marx Levy Mordechai, e não fosse a conversão de sua família ao Protestantismo **(ver box ao lado)**, poderia ter seguido o mesmo caminho de seu avô.

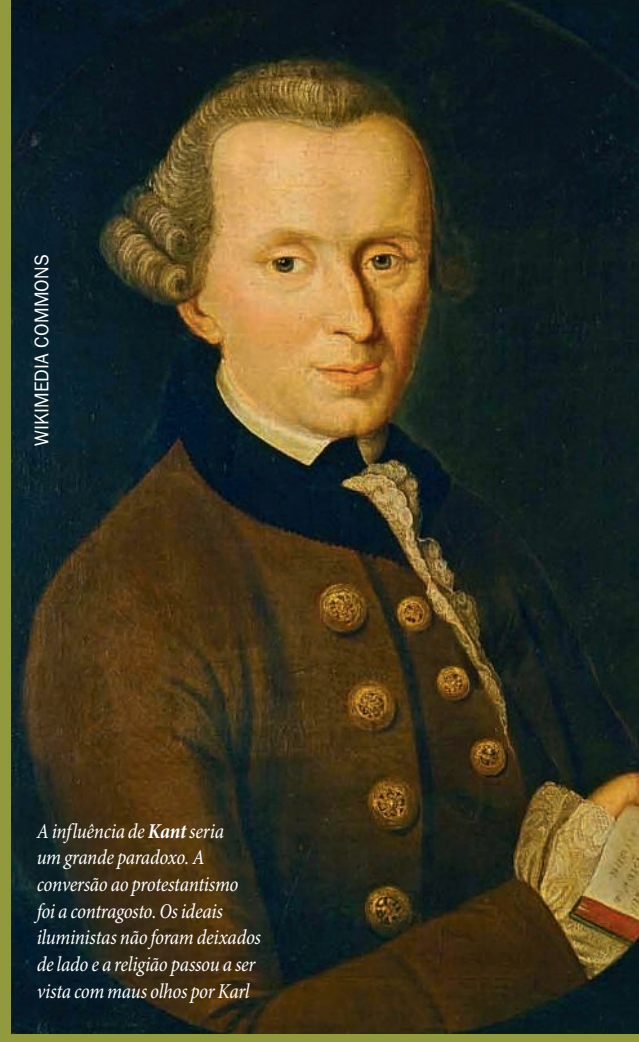
Perseguição legal

Os judeus foram segregados ao longo de muitos séculos. As restrições e punições impostas a eles impactaram profundamente sua participação social e sua colocação como agentes de liderança em muitos momentos históricos.

Heinrich Marx, pai de Karl, formou-se como advogado em 1814. Dois anos antes, a Prússia estabeleceu um decreto que proibia a participação de judeus em cargos jurídicos ou públicos. Para exercer a função, ele teve de se converter ao Cristianismo luterano. Depois dele, sua esposa e seus filhos, incluindo Karl Marx, se converteram também.

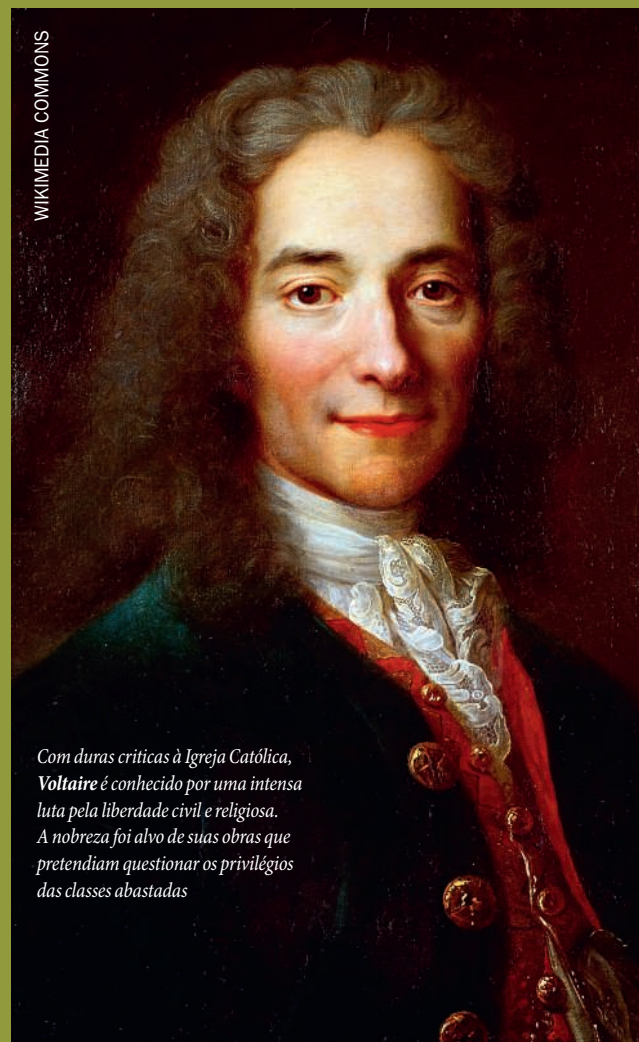
Apesar do precoce contato com a religião – Marx foi batizado na *Evangelical Established Church* aos seis anos de idade – ele foi influenciado muito mais pelos ideais iluministas. Com grande participação de seu pai, que tinha como referências Kant e Voltaire, Marx pôde contrapor a desigualdade e injustiça, e seu desejo de mudança social floresceu, sobretudo pela função exercida pelas doutrinas religiosas.

Entre 1830 e 1835, Karl frequentou o ensino médio, e sua escola, sob acusação de abrigar professores e alunos liberais, estava constantemente sob monitoramento. Durante esse período, os escritos produzidos por ele revelavam um espírito cristão e de abnegação pessoal.



WIKIMEDIA COMMONS

*A influência de **Kant** seria um grande paradoxo. A conversão ao protestantismo foi a contragosto. Os ideais iluministas não foram deixados de lado e a religião passou a ser vista com maus olhos por Karl*



WIKIMEDIA COMMONS

*Com duras críticas à Igreja Católica, **Voltaire** é conhecido por uma intensa luta pela liberdade civil e religiosa. A nobreza foi alvo de suas obras que pretendiam questionar os privilégios das classes abastadas*

Ines249

Turbulências acadêmicas

Passado o ensino médio, Marx ingressou na Universidade de Bonn. Lá, focando majoritariamente em disciplinas de humanidades, estudou mitologia grega e romana, além de história da arte.

Participou ativamente do cotidiano estudantil. Envolveu-se em confusões e chegou a pernoitar na cadeia por provocar desordem bêbado. Presidiu o Clube da Taverna, uma das mais importantes associações estudantis da época, e participou de um clube de poesia que reunia atividades políticas.

Em Bonn, a reatividade e movimentos de revolta eram comuns e faziam parte da agitação da vida acadêmica. Muitos estudantes foram presos e expulsos, inclusive contemporâneos a Marx. Um ano depois, ele se mudou para a Universidade de Berlim, onde estudou filosofia e direito.

Lá, teve uma de suas principais influências: os ideais hegelianos. Apesar da aversão inicial aos pensamentos, participou do chamado *Doctor Club*, onde os membros eram intensamente envolvidos com a literatura e a filosofia do movimento.

O governo prussiano, com medo da iminente subversão, interviu diretamente na estrutura de organizações acadêmicas e aumentou a repressão contra alguns estudantes e líderes. Adolph Rutenberg, um dos amigos mais próximos de Marx, foi preso pelo seu envolvimento radicalista no anseio de mudanças sociais.

Aos moldes hegelianos, Karl submeteu à Universidade de Jena, em 1841, sua dissertação de doutorado. Nela, analisou as diferenças da filosofia natural de Demócrito e Epicuro. Naquele mesmo ano, influenciado diretamente pela obra de Ludwig Feuerbach, *The Essence of Christianity*, Marx passou a associar este novo pensamento – que coloca as condições materiais acima das ideias – ao de Hegel – todas as coisas estão num contínuo processo de mudança resultado dos conflitos entre os seus aspectos contraditórios.

FONTES

Site Encyclopædia Britannica, Biographies

Artigo *O que é Marxismo?*, disponível em Portal Karl Marx

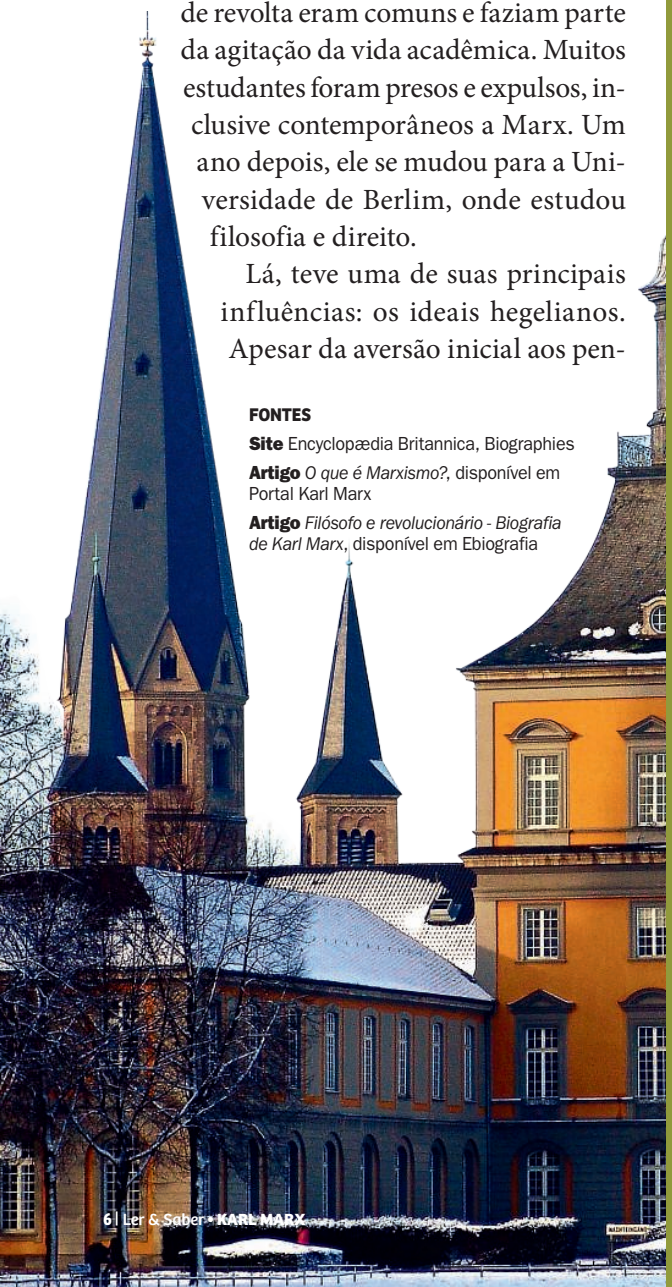
Artigo *Filósofo e revolucionário - Biografia de Karl Marx*, disponível em Ebiografia

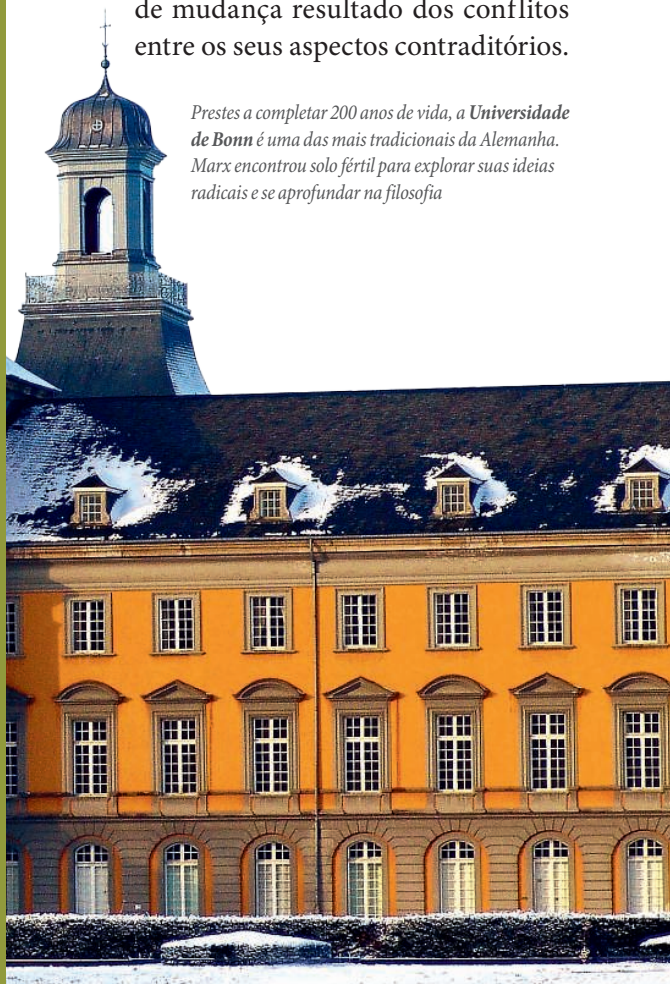
Luz sobre a escuridão

A Idade Média ficou conhecida como a idade das trevas. Sob grande influência religiosa, tinha o regime monárquico legitimado pela direito divino concedido aos reis. Com pouca liberdade e medidas autoritárias, a manutenção da centralização de poder era feita por inúmeras perseguições a defensores de ideais e costumes contrários aos pregados pelo monarcas.

Durante o século XVIII, a prevalência da razão (luz) sobre o regime antigo (trevas) suscitou um movimento que ficou conhecido como o iluminismo. As críticas se direcionavam, sobretudo, ao absolutismo monárquico, à influência da Igreja, ao mercantilismo e à liberdade econômica.

Seus principais pensadores tinham visões e interpretações diversas, como John Locke, escritor de *Ensaio sobre o entendimento humano*, no qual defende a razão; Voltaire, que fez uma dura crítica ao clero e sua "inflexibilidade prepotente; e Rousseau, que defendia um Estado democrático com igualdade jurídica a todos os cidadãos.





*Prestes a completar 200 anos de vida, a **Universidade de Bonn** é uma das mais tradicionais da Alemanha. Marx encontrou solo fértil para explorar suas ideias radicais e se aprofundar na filosofia*

Ação e redação

Em 1842, a cidade de Colônia era o centro industrial da Prússia e a referência em desenvolvimento tecnológico. Um grupo de comerciantes, banqueiros e industriais se reuniram para fundar o jornal *Rheinische Zeitung*. Marx, co-fundador, apesar de desacreditar de um padrão moral e de princípios éticos universais, passou a ser um defensor da liberdade de imprensa e um duro crítico aos censores da época.

Naquele mesmo ano, já como editor, passou a escrever sobre diversos problemas econômicos e sociais. Da Berlim pobre que estampava o roubo de madeira de camponeses das florestas ao emergente comunismo.

Se, por um lado, seus amigos hegelianos acreditavam que chocar a burguesia era suficiente para uma atividade social, por outro, Marx se tornava cada vez mais estranho a eles à medida que via as propostas de Hegel pouco aplicáveis ao momento efervescente em que estavam inseridos. Marx, inclinado ao ideal de "lutar passo a passo pela liberdade dentro dos limites constitucionais", triplicou as vendas do *Rheinische Zeitung* que se tornou um dos principais jornais do país.

Rheinische Zeitung
für
Politik, Handel und Gewerbe.
1842

Ainda assim, as autoridades prussianas interromperam sua veiculação por entender que o veículo era "demasiadamente franco". Com isso, Karl, ao lado do liberal hegeliano Arnold Ruge, aceitou participar da reedição do *German-French Yearbooks*, à época planejado para ser veiculado na cidade de Paris.

Os anos seguintes seriam de intensas mudanças. A partir de 1843 – período considerado como o marco de realizações e rupturas profissionais e ideológicas de Marx – o legado que conhecemos ganharia forma e seria disseminado, contestado e reinterpretado inúmeras vezes.

Ines249

***Colônia** é, hoje, um dos principais pontos de escoamento pluvial de cargas da Alemanha. Importante polo cultural e educativo, é reconhecida por abrigar uma das mais tradicionais universidades do país com um renomado curso de economia*

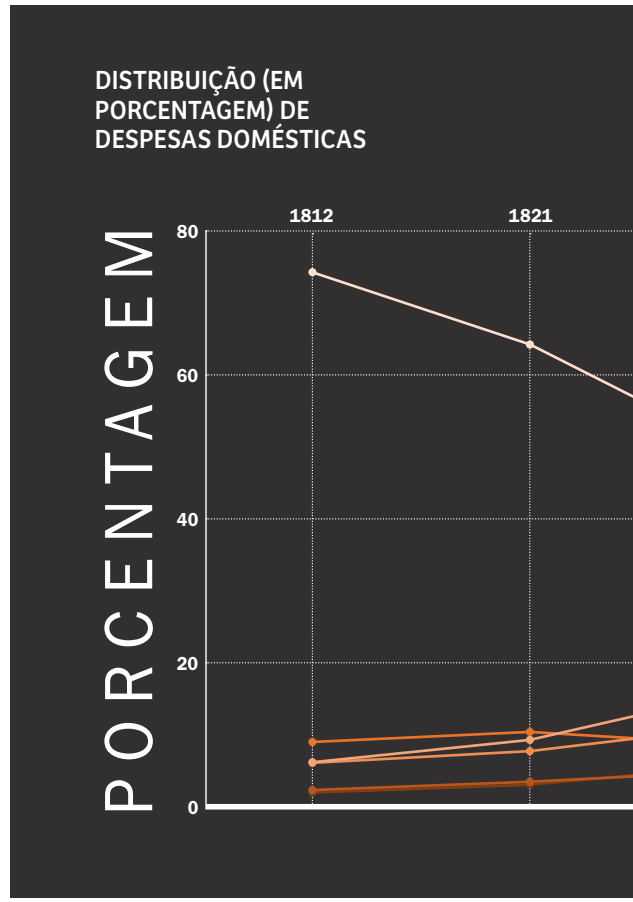
*Reformista, o **Rheinische Zeitung** foi o caminho pelo qual Marx optou difundir suas ideias. Com traços socialistas e comunistas, o jornal foi alvo de grandes perseguições pelo governo prussiano, sendo fechado pouco mais de um ano após sua inauguração*

WIKIMEDIA COMMONS

Ines249

Europa a todo vapor

Além dos avanços científicos, o século XIX foi marcado por revoluções sociais que visaram maior participação política e melhores condições de trabalho



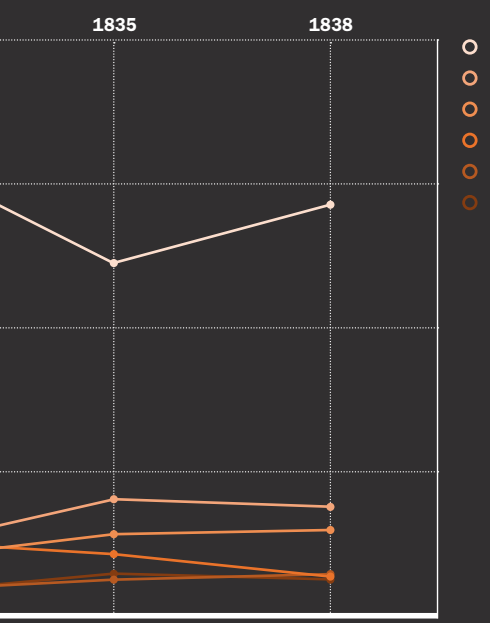
"A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes", escreveram Marx e Engels no *Manifesto Comunista*. Foram essas "batalhas" que quebraram paradigmas e possibilitaram conquistas que culminaram no grande avanço científico e econômico do século XIX. Assim sendo, não é possível compreender todas as mudanças avaliando apenas os eventos ocorridos entre 1º de janeiro de 1801 e 31 de dezembro de 1900. É preciso ir além.

Primeiras mudanças

Duas revoluções foram muito marcantes na história europeia: a Francesa e a Industrial. A primeira se tratou de um longo processo de mobilização dos grupos sociais que promoveu transformações políticas, sociais e econômicas, inspiradas nos valores iluministas. As insurreições de várias camadas sociais, com a liderança ideológica da burguesia, fizeram com que o Antigo Regime fosse derrubado, além de inspirarem a criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Ao mesmo tempo, o episódio consolidou a economia capitalista na França.

A Revolução Industrial, por sua vez, consagrou a supremacia da burguesia na ordem econômica e acelerou o êxodo rural, promovendo o crescimento urbano, consolidando o trabalho assalariado e trazendo à tona discussões sobre as desigualdades sociais.

A produção passou a ser feita por meio de máquinas, dependendo de fontes de energia como carvão mineral e o vapor. A eficiência provocou uma explosão produtiva, aumentando a oferta, barateando os custos no decorrer do tempo e padronizando a fabricação em larga



Ano	Pão/ farinha	Carne	Queijo	Manteiga	Chá	Açúcar
1812	74,2	6	9	6	2,2	2
1821	64,2	9,3	10,4	7,8	3,4	3
1835	49	16,2	8,5	11,3	5	5,8
1838	57,1	15,1	5,3	11,8	5,7	5

No século XIX, as famílias britânicas gastavam grande parte de sua renda em itens alimentícios. O pão e a farinha eram elementos de mais destaque. O gráfico a seguir corresponde à variação da porcentagem de despesas com determinados alimentos e bebidas adquiridos no condado de Kent, na Inglaterra, no período entre 1812 e 1838.

escala. Assim, a produção de bens não atendia apenas às necessidades sociais, mas também à busca pela obtenção do lucro.

É também nessa época em que surgem os primeiros sindicatos e associações de trabalhadores, afinal, as condições de trabalho não eram as melhores e direitos sociais – como o voto – não eram garantidos a todos. Na Inglaterra, por exemplo, o sufrágio universal ocorreu apenas em 1928, com a inclusão feminina.

Realidade amarga

Karl Marx viveu em uma sociedade europeia muito diferente da atual. Na Inglaterra de 1812, por exemplo, a população do condado Kent gastava 74,2% de toda sua **renda** apenas em pão ou farinha. Parece estranho pensar que o alimento era o "combustível" da mão-de-obra britânica. Porém, na verdade, possuía tanta importância que impostos específicos incidiam sobre o produto. Em *Bread and the British Economy* (1770-1870), Christian Petersen explica que seu preço flutuante afetava o ciclo comercial, o custo do crédito, trocas internacionais e ainda era essencial para a estabilidade social das cidades. Afinal, o que seria dos operários sem o pão? Apesar de pouco nutritivo, era muito conveniente naquela realidade amarga: fácil de ser transportado e consumido, seja em fábricas ou no campo.

"Mesmo entre as classes médias, as despesas com alimentos eram altas em relação à renda. Se sete estimativas oferecidas pela obra *The Family Oracle of Health*, publicada em 1824, forem confiáveis, essas famílias gastavam entre 38% e 60% de toda sua renda em comida", cita Petersen em seu livro. Entre os mais pobres, correspondia de 40% a 80% dos ganhos financeiros semanais. O objetivo, na época, era sobreviver.

Ines249

WIKIMEDIA COMMONS

NAS ARTES
O século XIX foi palco do Romantismo, movimento artístico que surgiu junto à rebeldia do período. Suas obras eram marcadas pela individualidade, pelo subjetivismo, pela idealização – como é o caso da noção de pátria e o interesse pela origem de seu povo –, pelo sentimentalismo exacerbado (em emoções como saudade e tristeza) e pelo retrato de batalhas. A tela A *Liberdade Guiando o Povo*, do francês Eugène Delacroix, é um exemplo do Romantismo na pintura.
O quadro reúne diversas características românticas ao retratar uma mulher, representando a liberdade que guia o povo ao segurar a bandeira da Revolução Francesa e uma baioneta. A obra é uma comemoração da Revolução de Julho de 1830, que promoveu a queda de Carlos X que tentou restaurar o Antigo Regime na França.

Uma simples difteria poderia levar um operário à morte e, caso morasse em uma cidade, voltaria para casa, após trabalhar em uma fábrica insalubre, e encontraria uma grande quantidade de estrume de cavalos espalhado pelas ruas. Mal se ouvia falar sobre saneamento básico.

A alfabetização não era ampla. Estima-se que, em 1800, antes do início do século, 60% dos homens e 40% das mulheres, em idade adulta, soubessem ler e escrever na Inglaterra. Perto dali, em Portugal, o número total de adultos alfabetizados chegava em apenas 20%. No Império Otomano, a situação era ainda pior: 2% a 3% da população.

Devido às diferenças significativas, é difícil imaginar o mundo do século XIX de maneira homogênea. Principalmente, a Europa. Enquanto alguns países investiam no setor de transportes, outros tentavam lidar com crises políticas, **inclusive territoriais**. A unificação de diversas nações possibilitou ainda o crescimento do nacionalismo e um desejo maior de controle sobre as fronteiras. Aos poucos, o continente europeu passou a ser visto, de um lado, como industrializado e com liberdade política e, de outro, ainda rural.

Divisões

Muitos historiadores classificam o século XIX em três fases. A primeira, entre 1815 e 1848, pode ser vista como um contexto de reformas político-sociais. Já a seguinte, até 1871, é marcada por revoluções e unificações territoriais.

Os franceses, por exemplo, após a queda do rei Luís Felipe (devido à restrição da democracia) e a eleição de um governo mais conservador, entraram em conflito em 1848. Luís Napoelão, sobrinho de Bonaparte, foi eleito presidente, dando início à Segunda República, porém, três anos depois, também suspendeu a assembleia eleita e estabeleceu o Império, que permaneceu até 1870.

Já na Alemanha, protestos defenderam o pangermanismo, manifestaram o descontentamento com a estrutura concentrada de poder e reivindicaram melhores condições de trabalho. No Império Austro-Húngaro, a pressão era pela abolição dos direitos feudais, a formulação de uma Constituição, o parlamentarismo e fim da censura à imprensa. Contudo, a burguesia não obteve sucesso e a aristocracia retomou o poder, dissolvendo o parlamento e restaurando o absolutismo.

Nos estados italianos, buscou-se a liberdade, a unificação e independência italiana, bem como a promoção do nacionalismo. Contudo, o absolutismo reagiu às revoluções. Mesmo assim, foram capazes de concretizar a unificação amparada pelo Reino da Sardenha.

Apesar das poucas conquistas, as revoltas deram base à terceira fase, compreendida de 1871 a 1914, marcada pelo imperialismo e pela divisão de territórios africanos e asiáticos. Tais discussões, por sua vez, culminaram na Primeira Guerra Mundial.

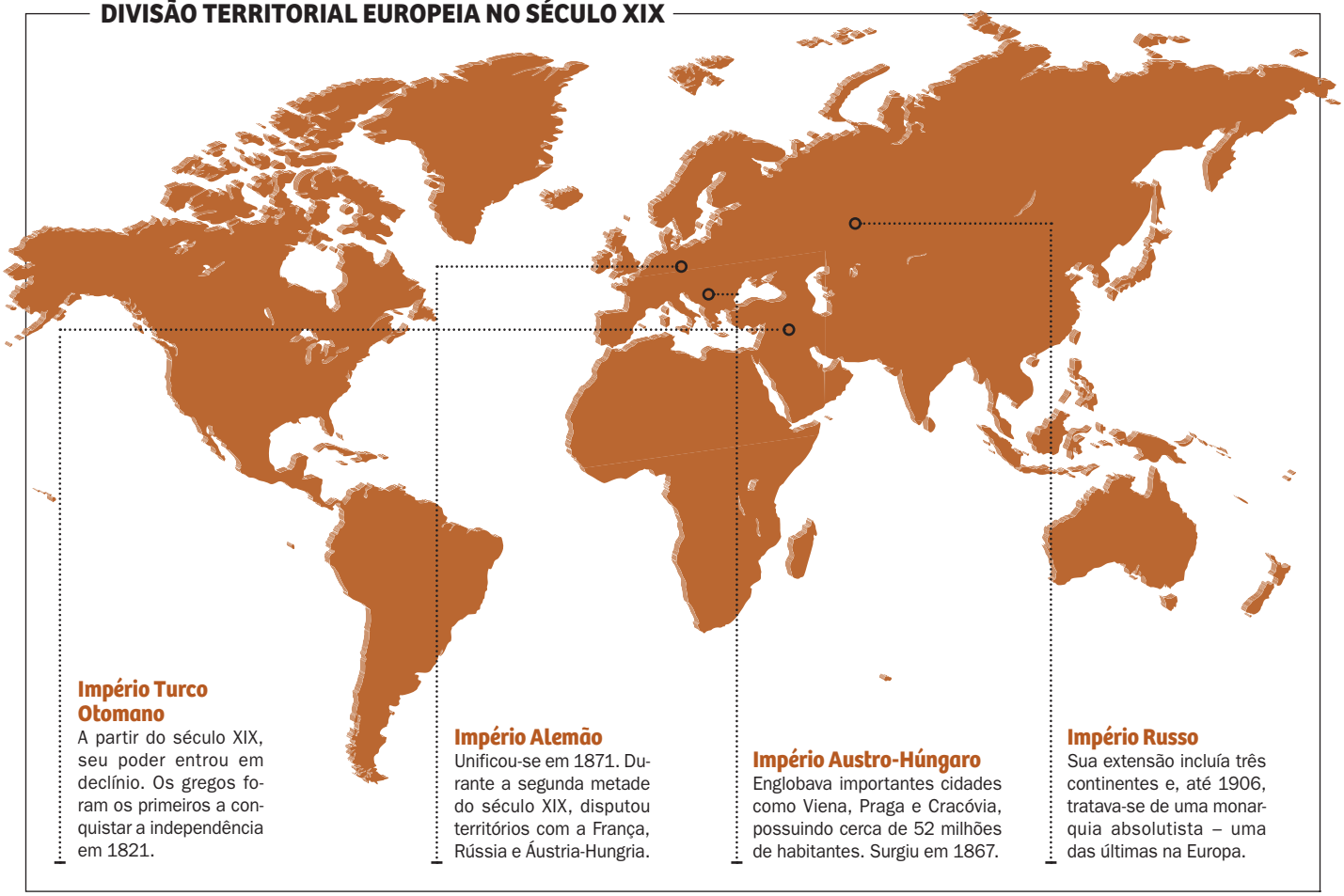
FONTES

Livro *Bread and the British Economy* (1770-1870), de Christian Petersen, editado por Andrew Jenkins;

Livro *Por que as Nações Fracassam – As Origens do Poder, da Prosperidade e da Pobreza*, de Daron Acemoglu e James Robinson;

Tratado Manifesto Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels.

DIVISÃO TERRITORIAL EUROPEIA NO SÉCULO XIX



Império Turco Otomano
A partir do século XIX, seu poder entrou em declínio. Os gregos foram os primeiros a conquistar a independência em 1821.

Império Alemão
Unificou-se em 1871. Durante a segunda metade do século XIX, disputou territórios com a França, Rússia e Áustria-Hungria.

Império Austro-Húngaro
Englobava importantes cidades como Viena, Praga e Cracóvia, possuindo cerca de 52 milhões de habitantes. Surgiu em 1867.

Império Russo
Sua extensão incluía três continentes e, até 1906, tratava-se de uma monarquia absolutista – uma das últimas na Europa.

Ines249

Bem-vindo ao marxismo

Os estudos e os debates político-econômicos são divididos entre antes e depois de Marx. Entenda as bases, os pilares e os objetivos pensados pelo alemão

TEXTO E ENTREVISTAS BRUNO RIBEIRO
DESIGN LÍDIA PARDINI/COLABORADORA

Ines249

Antes de ler este texto, faça uma experiência, caro(a) leitor(a): abra o Google e pesquise "o maior pensador de todos os tempos". Você deve ter percebido que o primeiro resultado da busca mostra uma foto de Karl Marx. Isso porque, no ano de 2005, uma das emissoras de rádio da *BBC* britânica promoveu uma eleição entre seus ouvintes, na qual o alemão saiu vitorioso com 28% dos votos – desbancando nomes do mais alto calibre como Platão, Sócrates, Nietzsche e Kant.

É claro que rankings nem sempre expressam a verdade absoluta – sobretudo em uma questão tão subjetiva como a proposta acima. Mas, entre esquecimentos e eventuais injustiças, para onde se olha no pensamento dos últimos séculos, uma conclusão é inevitável: Marx foi um personagem singular na História que ninguém pode ignorar.

O conjunto de concepções elaboradas por ele e por Friedrich Engels engloba conhecimentos profundos e inovadores das esferas filosóficas, econômicas, políticas e sociais. E tudo isso produzido em meio a décadas extremamente delicadas de sua vida pessoal. Afinal, perseguido em Paris por envolvimento em movimentos políticos, Marx se mudou para Bruxelas, na Bélgica, em 1845, onde ajudou a fundar a Liga dos Comunistas e também escreveu, em 1848, o famoso *Manifesto Comunista*.

Neste mesmo ano, retornou para a sua terra natal, mas o fracasso da revolução alemã o forçou em direção ao novo exílio. Assim, em 1850, mudou-se para Londres. Na capital inglesa, o revolucionário decidiu paralisar suas atividades políticas para poder se dedicar a um grande e ousado projeto acadêmico: estudar a fundo o modo de produção capitalista. O resultado dessa extensa pesquisa aparece em 1867, com a publicação de *O Capital* – considerado por muitos como a obra-prima de sua intelectualidade.

Mais do que interpretar o mundo, Marx propôs transformá-lo. Mas, antes de um mergulho profundo no marxismo propriamente dito para entendermos as teses do alemão, alguns pontos precisam ser esclarecidos.

Ines249

Utópico x Científico

Uma coisa é inegável: o modo de produção capitalista é o mais dinâmico que a humanidade alcançou até hoje. Por outro lado, para boa parte dos críticos, seu modus operandi é marcado necessariamente por crises. Por isso, Marx procurou entender tais circunstâncias com um método de análise e concepção da História, no qual concluiu que o sistema deveria ser transitório, já que é repleto de contradições que o levariam à queda. Entretanto, vale lembrar que o socialismo já fora pensado antes de Karl.

"Thomas More (1478-1535) o fez em sua obra *Utopia*, no século XVI. Os niveladores (levellers) o fizeram na Inglaterra do século XVII (se não pensaram na igualdade econômica, reivindicaram o direito de participação política e sufrágio universal, ao menos). Gracchus Babeuf (1760-1797) não hesitou em defender a liberdade política em seu jornal *A Tribuna Do Povo* durante a Revolução Francesa. Saint-Simon (1760-1825), por sua vez, ao crer na Ciência e no espírito religioso, sonhou em melhorar as condições dos despossuídos da França anos depois", exemplifica Agnaldo Krupper, mestre em história pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Aos citados acima, Marx e Engels não pouparam críticas, afirmando que todos buscaram experiências tímidas, passivas e utópicas, e não uma verdadeira revolução que fosse capaz de destronar o sistema capitalista – para eles, sequestrador do trabalho humano.

Afinal, por esse modelo ter sido uma evolução do modo de produção feudal, ele apresenta duas classes sociais antagônicas: a que possui o capital e os meios de produção (burguesa) e a que vende sua força de trabalho como forma de manter-se materialmente (proletária). "Como a burguesia se funda na exploração e na opressão da maioria pela minoria, a sua dinâmica produz, para legitimá-la, mecanismos que ocultam estes atributos. E é sob essa ótica que o pensamento marxista constrói seus pilares ideológicos para conclamar o proletariado à revolução", complementa o professor.

Marx para todos?

A bibliografia de Marx é densa e imensa. Assim, quando pensamos em sua aplicação prática, a ideologia ainda parece estritamente dominada pelos intelectuais, como esclarece João Luís de Almeida, professor de história: "De fato, o alcance é limitado e parcial. Quando encontram o proletariado, os ensinamentos e as teorias chegam truncadas e reduzidas. Há, ainda, uma contrapartida poderosa e imensa dos meios e canais favoráveis ao modo de produção capitalista que tornam não apenas difícil o acesso, mas, também, grande a rejeição às propostas", afirma.

O profissional ainda frisa que ler as obras completas é a melhor forma de se apropriar dos conceitos. Outro modo de entender tais ideias é buscar fontes fidedignas, ou seja, criadas por estudiosos da obra do filósofo alemão. "Uma recomendação valiosa é, por exemplo, buscar os conceitos no *Dicionário do Pensamento Marxista*, de Tom Bottomore, editado no Brasil pela Zahar", recomenda o professor.

As faces do materialismo

Na obra *A Ideologia Alemã* (1846), Marx funda o que se chama de materialismo dialético – considerava que não é a consciência que determina a matéria, mas a matéria que determina a consciência. Achou estranho? Ele e Engels sintetizam esse raciocínio em três pressupostos:

"O primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais.

O segundo ponto é que a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro ato histórico.

A terceira condição que já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que renovam diariamente sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar – a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família.

Segue-se daí que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação ou a uma determinada fase social (...). Somente agora, depois de já termos examinado quatro momentos, quatro aspectos das relações históricas originárias, descobrimos que o homem tem também 'consciência'". (MARX & ENGELS, 2007, p. 33–34)

Logo, o materialismo dialético seria um propulsor de transformações, enquanto o materialismo histórico – também postulado por Marx – seria sua aplicação para estudar a sociedade e a História humana.

"No chamado materialismo histórico, compreende-se que as sociedades humanas

Ines249

estabelecem suas relações a partir da forma como a produção material é realizada. Assim, a estrutura material ou econômica de uma sociedade (chamada por Marx de infraestrutura) exerce influência direta na conjuntura político-jurídica e ideológica (chamada de superestrutura). Em consequência dessa relação, seria possível inferir, portanto, que o Estado, as leis, a filosofia, a ciência, as artes e a religião estariam a serviço dos interesses da classe dominadora do sistema (proprietários das fábricas, dos bancos, das terras)", explica Kupper.

A mais-valia

No sistema capitalista, a força de trabalho é uma mercadoria que pode ser comprada e vendida. Evidentemente, não se trata de uma mercadoria qualquer, pois cria valor, transformando-se na fonte de riquezas de uma sociedade. Dessa forma, a mais-valia torna-se a base de exploração que relaciona a força de trabalho, o tempo de realização e o lucro obtido.

É dentro dessa lógica que a classe proletária é explorada pela classe detentora dos bens de produção, ou seja, a burguesia. Entretanto, o esforço desempenhado pelo operário não é revertido em valores monetários reais. Tal circunstância, segundo Marx, leva a um processo que vai além da desvalorização dos trabalhadores, o qual ele cunhou com o termo alienação.

E por falar nela...

O termo alienação é mais frequente nas obras do jovem Marx, principalmente nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Mas em *O Capital*, ele opta pelo termo "fetichismo da mercadoria". O processo engloba uma estrutura complexa, mas fácil de compreender: para garantir o controle dos meios de produção e, consequentemente, o domínio das demais classes, a burguesia precisaria, então, de instrumentos apropriados que estão localizados na própria superestrutura do sistema.

Não à toa, Marx vê no Estado uma dessas ferramentas, posto que as leis (direito) e decisões (política) podem beneficiar diretamente os proprietários em detrimento dos não proprietários. Em último recurso, o monopólio da força (polícia, forças armadas) também entra na conversa para assegurar os interesses burgueses caso esses corram risco.

"O trabalhador não projeta mais o que vai executar e não estabelece o ritmo da produção, apenas realiza uma parte do produto, tornando-se um alienado (do latim *alienari*, que não pertence a si). Ocorre, assim, uma inversão: o homem, por sua característica de não ser soberano do que produz, é comandado e dirigido pelo que gerou, desumanizando-se", explana Krupper. Em outras palavras, o homem se torna objeto, enquanto a mercadoria se torna sujeito.

Ines249

Percepção, luta e revolução

Como entendia que a classe dominante faz uso da ideologia, dissimulando as aparências e impedindo a consciência do explorado, Marx julgava que a única saída era a alteração da infraestrutura – onde a explicação das ocorrências se encontra camuflada. Na prática, isso indica que o alemão pretendia articular uma revolução que destruísse o Estado burguês e organizasse uma nova sociedade capaz de suprimir a propriedade privada, impondo, assim, a famosa ditadura do proletariado.

"O modo de produção capitalista seria destruído e surgiria um novo Estado, representativo dos interesses dos trabalhadores, munido de um aparelho repressivo que evitasse uma contrarrevolução do sistema derrubado", comenta Kupper. Afinal, não foi à toa que Marx definiu a luta de classes como a força motriz da história humana, o combustível da mudança do mundo social.

Somente em uma etapa posterior é que seria imposto o comunismo propriamente dito, definido como a condição do "comum a todos", caracterizada pela completa supressão do Estado e da luta de classes.

Fato é que, concorde ou não com as teorias revolucionárias, enquanto o mundo capitalista durar (ou pelo menos a cada nova crise por qual ele passar), o espectro de Marx continuará a assombrar àqueles que lutam para preservar o capitalismo a todo custo – seja para o bem, seja para o mal.

CONSULTORIAS

Agnaldo Kupper, mestre em história pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), escritor e professor adjunto do Centro Universitário Filadélfia;

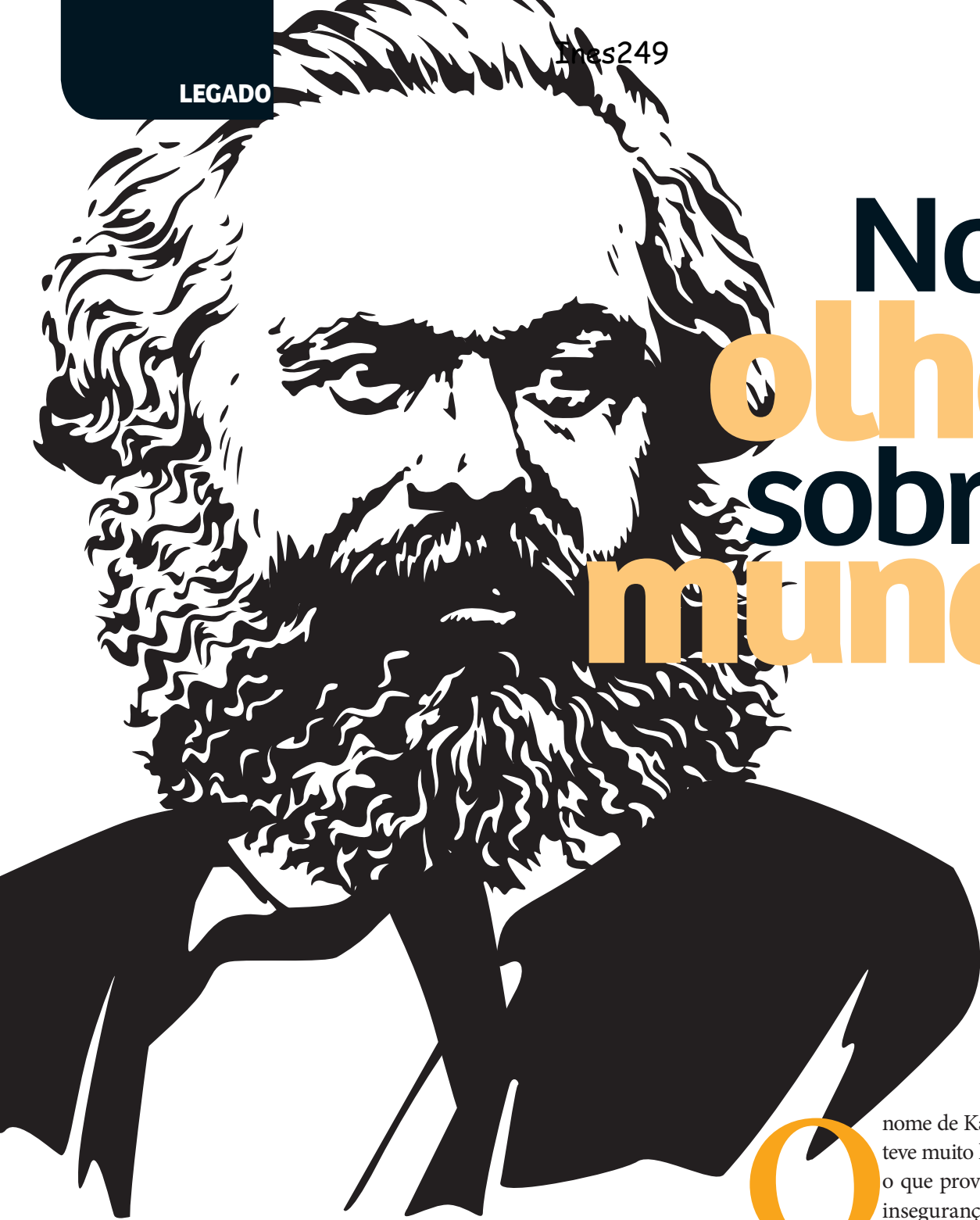
João Luís de Almeida, formado em história pela Universidade do Vale do Paraíba (Univap) e professor e coordenador de Tecnologia Educacional e Mídias Digitais do Sistema Poliedro.

FONTES

Artigo *Marxismo e História*, de Décio Saes;

Artigo *Marxismo: Teórica e Prática*, de Leovegildo Pereira Leal.

Ines249



Novo olhar sobre o mundo

As interpretações dos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels inspiraram mudanças políticas e econômicas, o surgimento de partidos políticos e sindicatos, e inclusive análises sobre as relações sociais, a comunicação e a educação

O nome de Karl Marx sempre esteve muito ligado à "revolução", o que provocou a sensação de insegurança em muitos governantes ao redor do mundo que se viram ameaçados pela possibilidade de corrosão de seu poder e da continuidade de sua dominação econômica e política. Por conta dessa potencial ameaça para o *establishment* em muitos países, a estratégia de sabotagem ao pensamento de Marx também se deixou perceber através da não publicação de suas obras e de seus melhores intérpretes, ambiente em que a sua leitura não raro era apenas realizada dentro de grupos específicos.

Apesar disso, é impossível desconsiderar a importância de seus escritos para a ciência social moderna. "Após o ano de 1883, quando Marx falece, gradativamente, praticamente todos os pensadores relevantes passaram a tratar, de uma ou de outra forma, dentro de suas respectivas áreas de saber, de dar uma resposta às questões levantadas pelo filósofo alemão", pontua Roberto Bueno, doutor em filosofia do direito. Assim, é inegável que as interpretações de seus escritos influenciaram o nascimento de partidos políticos, a organização de sindicatos, o surgimento de novas correntes de pesquisa e o acontecimento de eventos significativos, como é o caso da Revolução Russa em 1917 e o subsequente surgimento da União Soviética.

Marxismo-Leninismo

Um dos principais ícones dessa época foi Lenin. Após a execução de seu irmão, em 1887, o jovem se interessou pelos movimentos revolucionários socialistas, sendo contrário às determinações do Império Russo. Seu interesse pelo marxismo surgiu na última década do século XIX, quando leu *O Capital* e entrou em contato com as obras do marxista russo Gueorgui Plekhanov. Este autor defendia a ideia de que o socialismo seria implementado pelos proletários, visto que a Rússia estava em transição do feudalismo para o capitalismo. Por isso mesmo, Lenin acreditava que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) era uma oportunidade para a ocorrência da revolução do proletariado em toda a Europa, promovendo a transição econômica.

Com grande influência sobre o Partido Operário Social-Democrata Russo, a Revolução de 1917 e a centralização do poder em 1918, pôde alcançar o cargo político mais alto, realizar a distribuição de terras, nacionalizar bancos e indústrias. Em sua visão, era preciso aplicar a ditadura do proletariado, em que a burguesia fosse reprimida e os meios de produção seriam de propriedade social. A economia russa, por sua vez, estaria sob controle estatal, sendo a produção e distribuição controladas. Por isso, para que funcionasse – e devido à fome e às falhas da economia planificada, criou-se então um modelo em que os trabalhadores eram

Ines249

"Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte"

Manifesto Comunista

controlados e o poder era centralizado, coercitivo e marcado pela hierarquia, com o uso da força militar para garantir a união dos países do bloco soviético e da população. "Criou-se uma burocracia gigantesca, meios de controle do Estado também eram gigantescos, dispondo de uma polícia secreta eficiente para controlar a população. Não havia exatamente um Estado composto a partir da força política popular, senão uma estrutura piramidal em que o poder residia concentrado em seu vértice e não em sua base, restando assim comprometido o exercício de diversas liberdades individuais e coletivas", lembra Roberto. Esses são alguns dos motivos que levam, atualmente, muitos especialistas a criticarem a experiência socialista soviética.

Nova face do poder

Acometido por uma doença e prestes a falecer, Lenin ditou uma espécie de testamento falando sobre seus companheiros mais próximos: Leon Trótski e Josef Stalin. Sobre o último, que posteriormente assumiu o governo, recomendou que fosse removido do cargo de secretário-geral do Partido Comunista. Sob seu poder, as ideias socialistas se perderam ainda mais e a repressão contra os inimigos políticos aumentou, culminando no exílio de Trótski.

Ainda há muitas divergências sobre o termo stalinismo. Alguns entendem como o período histórico em que Stalin assumiu o poder político da União Soviética. Outros interpretam como uma teoria, em que é estabelecida como verdade a própria interpretação do marxismo, considerando o ponto de vista do governo como o único válido. Nessa nova fase, há extrema burocratização, eliminação da oposição, intensa presença de propaganda estatal, censura aos meios de comunicação e perseguição às religiões.

O trotskismo, por outro lado, se opõe a essa visão devido à burocracia. A teoria da "revolução permanente" acreditava que a revolução socialista seria alcançada após a eliminação da sociedade de classes. Para isso, era necessário atravessar etapas como o desenvolvimento de forças produtivas capitalistas, a burguesia e inclusive o modelo de democracia parlamentar. Contudo, Trótski também pontuava que era possível "pular" algumas dessas etapas e destacou que o atraso tecnológico, industrial e cultural soviético seria um obstáculo. Por isso, a revolução socialista só seria viável caso também ocorresse em outros países.

Outras interpretações

Já na China, foi o maoísmo que ganhou destaque. Para os maoístas, os camponeses seriam os responsáveis pela revolução, mobilizados pelo Partido Comunista, diferente da responsabilidade concedida ao proletariado por Marx e Engels. Dessa maneira, também divergia da ideia soviética.

Para Mao Tsé-Tung, a burguesia, mesmo após a revolução, ainda teria a capacidade de restaurar o capitalismo. Assim, a luta de classes deveria continuar durante o governo socialista. Contudo, as ideias elaboradas permaneceram apenas até sua morte em 1976, pois o líder político Deng Xiaoping promoveu reformas a partir de 1978, que permitiram o direcionamento da China voltado ao capitalismo.

Em outro local da Ásia, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o norte da Coreia passou a ser influenciado pela União Soviética, enquanto os Estados Unidos ocuparam o sul. Tal divisão deu início à Guerra da Coreia em 1950, que provocou cerca de 2,5 milhões de mortes. Já na década de 1990, a Coreia do Sul seguiu o caminho democrático e capitalista, enquanto a Coreia do Norte permaneceu defendendo a ideologia so-

cialista, apesar de teóricos classificarem a nação como uma monarquia absolutista ou até mesmo uma ditadura hereditária.

Em território latino-americano, os escritos de Marx serviram para "clarificar" determinados problemas. "Na América Latina, Marx sempre teve muito o que falar com a população. Muitas das categorias que ele trabalha estão presentes na vida do homem latino-americano médio, da população mais pobre. Ele explica muita coisa: a exploração da mão-de-obra do trabalhador, a questão das horas trabalhadas, etc", esclarece Roberto Bueno.

Por aqui, o primeiro teórico a compreender a realidade latino-americana a partir da teoria marxista foi José Carlos Mariátegui. Em seus escritos, considerou as lutas populares, camponeses, indígenas e a questão do imperialismo. Além de sua figura, existem outros ícones importantes. Julio Antonio Mella, fundador do Partido Comunista Cubano, defendia que os cubanos deveriam se basear no pensamento de José Martí, um revolucionário anti-imperialista. Já no Brasil, em 1935, temos Luiz Carlos Prestes, dirigente do Partido Comunista Brasileiro, responsável por organizar um levante militar contra Getúlio Vargas, sem a participação popular de trabalhadores, divergindo da orientação do marxismo.

Contudo, é a Revolução Cubana um dos maiores marcos da América Latina. Fidel e Raul Castro, a princípio, não vinham de um partido comunista, mas do Movimento 26 de julho. Posteriormente, ambos se reuniram e promoveram a primeira revolução socialista, anti-imperialista e antiditatorial contra Fulgêncio Batista. É nesta época ainda que Ernesto "Che" Guevara surge como um renovador do pensamento marxista e destaca a importância dos camponeses na revolução.

Diferente do ocorrido na Rússia, é nessa parte do globo terrestre, na década de 1960, que surge a corrente cristã com a participação de padres e teólogos responsáveis por aproximar fiéis para a luta revolucionária. No Brasil, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de inspiração marxista, contou com o apoio da Comissão Pastoral da Terra, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para realizar o 1º Encontro Nacional do movimento em 1984 na cidade de Cascavel, no Paraná.

Ines249

Além da política

Como dito anteriormente, o marxismo também influenciou novas correntes de pesquisa, como foi o caso da Escola de Frankfurt, formada por personalidades como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Erich Fromm e Walter Benjamin. A pretensão inicial desses estudiosos era apontar um caminho alternativo ao capitalismo e, para isso, tiveram grande contato com a psicanálise e a filosofia existencialista, lendo obras de pensadores como Karl Marx, Sigmund Freud, Max Weber, Immanuel Kant, Wilhelm Hegel e Georg Lukács.

Aos poucos, a crítica se ampliou para a civilização ocidental como um todo, incluindo a reprodução de obras de arte em larga escala, o cinema, as ideias de ciência e técnica como ideologia, as formas de emancipação do ser humano por meio da arte e do prazer.

O Instituto para Pesquisa Social havia nascido em Frankfurt em 1923. Contudo, com a ascensão de Hitler (em 1933), mudou-se para Genebra e, posteriormente em 1935, estabeleceu-se em Nova York, tornando-se um afiliado na Universidade Columbia. Após o fim da Segunda Guerra, alguns teóricos retornaram à Alemanha Ocidental, enquanto outros permaneceram em território norte-americano e influenciaram os movimentos da década de 1960.

Georg Lukács foi um deles. Seus estudos eram em relação à ideologia e consciência de classe. Para o filósofo húngaro, cada classe possui uma consciência. A burguesia possui uma falsa consciência já que sua compreensão é ofuscada pelos seus interesses. O proletariado, por sua vez, é capaz de ter consciência total porque tem interesse em destruir o modo de produção capitalista, mas, para isso, é preciso que desate os nós que o amarra à falsa consciência emprestada da burguesia. Assim, a revolução viria a partir da tomada de consciência pelo proletariado quando enfrentasse as crises citadas por Marx.

Por outro lado, na corrente neomarxista frankfurtiana, Herbert Marcuse buscou novos indivíduos para promover a revolução. Para o teórico, a sociedade havia chegado a um ponto em que burguesia e proletariado se tornaram defensores do status quo, pois o avanço da tecnologia tornou a vida mais confortável e o desejo pela mudança cessou. Além disso, a comunicação, a publicidade e a cultura, para ele, contribuíram na eliminação de críticas e oposição ao sistema. A sociedade industrial, nesse caso, havia criado falsas necessidades que faziam o indivíduo se envolver ainda mais e integrar o sistema de produção e consumo.

Assim, passou a questionar qual seria o "sujeito revolucionário" a assumir esse papel. Como resposta, encontrou os grupos minoritários à margem da sociedade, a qual não tinha interesse em incorporá-los. Seus escritos, então, influenciaram os movimentos estudantis de esquerda na década de 1960 e as recentes pesquisas de gênero, sexualidade e questões raciais.

Apesar dessas vertentes, um dos conceitos mais importantes fornecidos pela Escola de Frankfurt ou seus ex-membros foi o da indústria cultural, que demonstrou como a produção de arte passou a ser feita de forma industrial com o objetivo de obtenção de lucro, criando padrões e evitando o surgimento do novo, seja no cinema ou na música, com o objetivo de agradar a um grande número de pessoas.

Para teóricos como Adorno e Horkheimer, tal prática desenvolveria um círculo vicioso, em que a indústria definia o tipo de arte a ser consumido e o público perderia sua capacidade de julgar o conteúdo, mesmo que este fosse de qualidade inferior.

Contudo, próprios pesquisados outrora vinculados ao Instituto, como Lukács, discordaram dessa visão, acreditando ser o papel da arte inclusive contribuir para a transformação da consciência do indivíduo, pois seria capaz de apresentar críticas e alternativas ao modo de produção capitalista.

Economia global

Por um longo período, as ideias marxistas permaneceram "enterradas", principalmente após a derrocada da União Soviética e a Queda do

FONTES

Artigo *Considerações sobre a Filosofia da Educação de Paulo Freire e o Marxismo*, de José Luiz Zanella;

Palestra *História do Marxismo Latino-americano* proferida por Michael Löwy na Escola Nacional "Florestan Fernandes" em setembro de 2011;

Resenha do livro *Teoria Crítica da Indústria Cultural*, de Rodrigo Duarte, realizada por Verlaine Freitas e publicada na revista de filosofia Kriterion em 2004;

O Manifesto Comunista, de Karl Heinrich Marx e Friedrich Engels.

CONSULTORIA

Roberto Bueno, Doutor em filosofia do direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre em filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em teoria do Estado e filosofia do direito pelo Univem, Especialista em direito constitucional e ciência política pelo Centro de Estudios Constitucionales de Madrid, Graduado em direito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pós-Doutor pelo Centro Universitário Eurípedes de Marília (Univem) e coordenador da Rede Internacional de Estudos Schmittianos (RIES).

Muro de Berlim. Contudo, com a crise financeira entre 2007 e 2008, especialistas retomaram a leitura de suas obras. "Especificamente sobre os termos e as condições determinantes da eclosão da crise financeira de matriz norte-americana (o fenômeno dos empréstimos hipotecários de alto risco ou *subprime*) no ano de 2008, Marx não fez qualquer referência. Contudo, tratou de forma mais ampla e certeira sobre a superveniência de crises cíclicas do capitalismo, algo que ganhou ainda maior intensidade através da expansão do fenômeno da globalização que, em seus termos, Marx também advertia para a ocorrência", explica Roberto. Por isso, é preciso que a teoria seja adaptada à realidade atual. "A própria teoria de Marx sugere que os seus escritos sejam analisados à luz de sua época, o que possibilita que seja possível extrair o seu melhor para uma análise e crítica da contemporaneidade", acrescenta.

O mesmo ocorre em relação à globalização. No *Manifesto Comunista*, publicado em 1848, Marx e Engels escrevem: "Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte", o que sugere a análise de uma atividade empresarial que estava começando a se expandir pelo mundo inteiro. "Aparece uma referência do autor à expansão mundial do comércio, aparece a demanda da burguesia empresarial por novos nichos de mercado em espaços geográficos situados muito além de suas fronteiras", ressalta o doutor em filosofia do direito.

Mesmo hoje em dia, com tantas trocas comerciais internacionais, a preocupação da destruição de mercados locais, a entrada de produtos estrangeiros mais baratos e o desemprego são vistos como grandes problemas a serem enfrentados por governantes. Em março de 2018, por exemplo, Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, anunciou a imposição de uma tarifa de 25% sobre o aço importado pelo país e 10% sobre o alumínio. A justificativa era a proteção da indústria siderúrgica para que, sob tal política abertamente antiliberal, fosse supostamente eficiente para promover o crescimento.

Além dessas questões atuais, Marx é responsável por deixar um grande legado aos movimentos modernos de defesa ecológica, sustentabilidade e uso consciente dos recursos oferecidos pelo planeta. Isso porque foi um dos primeiros a abordar a destruição dos recursos naturais em larga escala.

Educação

Na Itália, Antonio Gramsci foi responsável por estudar os aspectos culturais da sociedade e elaborar o conceito de hegemonia. Em sua visão, o poder das classes dominantes sobre o proletariado ia além dos aparelhos repressivos do Estado, pois somente era garantido porque havia o controle da educação, das instituições religiosas e dos meios de comunicação. Dessa maneira, os dominados eram educados para serem convenientes, inibindo a ocorrência da revolução.

Em suas análises, Gramsci desenvolveu algumas ideias de teorias críticas e educacionais que, posteriormente, foram adaptadas e adotadas por Paulo Freire no Brasil. Para o pedagogo, a educação não era isenta, pois tinha uma natureza política e ocorria num determinado tempo e espaço, sendo também realizada por indivíduos históricos.

Dessa maneira, a pedagogia do oprimido – uma de suas principais teses – significa o reconhecimento do direito à educação para classes desfavorecidas, sendo uma luta política para a derrubada da ordem econômica vigente. Apesar disso, diverge da pedagogia marxista ao defender que o conteúdo deve ser baseado nas vivências dos alunos, o método de ensino precisa ser problematizado e a escola deve funcionar como "gestora" do conhecimento.

Ines249

A influência dos pensamentos de Marx é percebida na formação de alguns dos maiores líderes da História recente

Ecos

"CHE" GUEVARA (1928-1967)

Ernesto Guevara de la Serna, mais conhecido como "Che" Guevara, é um dos maiores símbolos de resistência e revolução mundial. Através de seu ativismo e radicalismo, conduziu ao lado de outros ideólogos e comandantes a Revolução Cubana. O guerrilheiro, político, jornalista, escritor e médico argentino-cubano era aficionado por leitura – chegando a abrigar mais de três mil títulos em sua residência – especialmente pela poesia de Pablo Neruda, Federico García Lorca e Gabriela Mistral. No Estado Cubano, ocupou diversos cargos na área da administração e economia. Sua afeição pela luta armada o levou a estabelecer diversos grupos guerrilheiros pela América Latina. Atuou fortemente no Congo e na Bolívia, onde foi morto, em 1967, clandestinamente. Desperta amor e ódio entre muitas pessoas, principalmente pelo seu espírito rebelde e sua luta contra injustiças. É acusado de má gestão e pelo assassinato em massa de opositores. Ainda assim, sua imagem é uma das mais reproduzidas pelo mundo e ele foi considerado uma das 100 personalidades mais importantes do século XX pela revista *Time*.

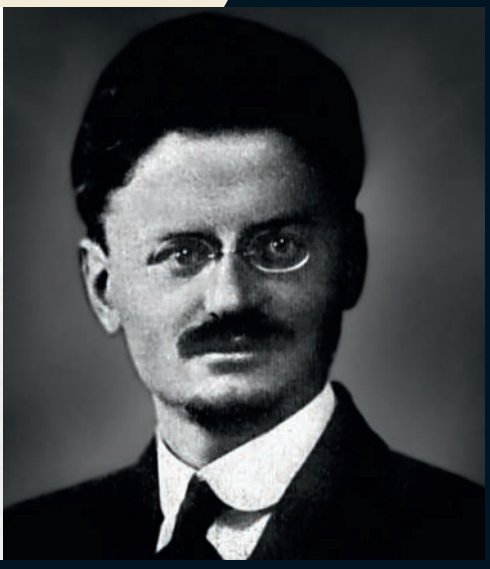
ANGELA YVONNE DAVIS (1944)

Nascida em um dos estados mais racistas do sul dos Estados Unidos, o Alabama, Angela Davis é uma das maiores ativistas do movimento negro. Professora e filósofa socialista, alcançou notoriedade mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista estadunidense. Ativista social e política, fez parte de movimentos importantes como o Black Power e o Panteras Negras. Presa diversas vezes, chegou a integrar a lista dos dez fugitivos mais procuradas pelo FBI, acusada de conspiração e assassinato. Influenciou diversos movimentos que lutavam pelas mulheres e negros. Em Cuba, por exemplo, foi ovacionada pela população negra local, sobretudo pela falta de expressão de identidade enfrentada no país. Em 1980 e 1984 foi candidata à vice-presidência dos Estados Unidos ao lado de Gus Hall, do partido Comunista Americano, mas obteve pouquíssimos votos. Atualmente, mantém suas atividades centradas em palestras e discursos em eventos e universidades criticando, principalmente, o sistema carcerário norte-americano a que costuma se referir como um "complexo industrial de prisões".

WIKIMEDIA COMMONS

Ines249

Ideológicos



LEON TROTSKY (1879-1940)

Judeu, Trotsky passou boa parte de sua vida migrando de um país a outro. Deportado e fugitivo muitas vezes, foi um importante líder durante o período de efervescências e revoluções na Rússia do século XX. Seu espírito revolucionário o levou à cadeia já aos 18 anos de idade e fez com que ele conhecesse a prisão de diversos países ao longo da vida. No início dos anos 1900, em Londres, teve contato com Stalin e Lenin. Este, um grande influenciador e líder soviético e, este, viria a se tornar inimigo pessoal e político de Trotsky. Divergências e cisões apareceram e as ideologias ficaram mais afloradas. Stalin acreditava que a revolução deveria acontecer apenas dentro do país e Trotsky apoiava a expansão por outras nações. Lênin morreu em 1924 e, com isso, Stalin promoveu uma campanha de difamação pública. Banido da União Soviética em 1929, foi exilado em diversos países como França, Noruega e México. Neste último, foi assassinado pelo agente Ramón Mercader – ao que tudo indica, a mando de Stalin. Trotsky influenciou multidões com seus ideais revolucionários e, principalmente por sua posição mais radical, suscitou reflexões profundas sobre os caminhos da revolução para alcançar ideais comunistas.

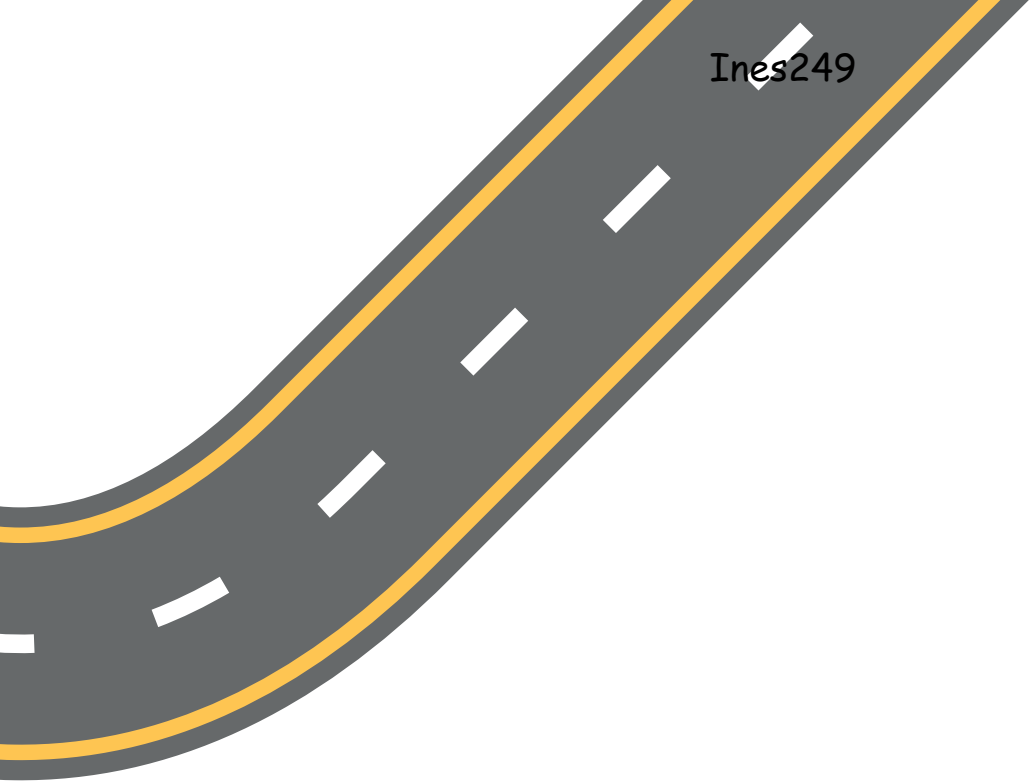
SIMONE DE BEAUVOIR (1908-1986)

O movimento feminista tem em sua identidade a assinatura de Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir. Filósofa e ativista política, teve importante participação tanto no existencialismo quanto na teoria feminista. Francesa de nascimento, é conhecida, sobretudo, pelos romances, ensaios, biografias e monografias sobre filosofia, política e questões sociais. Um dos mais importantes, *O Segundo Sexo*, faz uma análise detalhada da opressão das mulheres e um tratado fundamental do feminismo contemporâneo. Na Universidade de Paris, conheceu Jean-Paul Sartre, seu companheiro em um relacionamento aberto e em obras como *A Idade da Razão*, polêmico livro que tinha por objetivo retirar a idade mínima para o consentimento em relações sexuais. Tinha, sobretudo, um olhar para o viver humano, manifestando em suas reflexões questões sobre o envelhecimento e a morte (*Uma Morte Suave*, 1964), também, a ausência causada pela morte de Sartre (*A Cerimônia do Adeus*, 1981). Ainda hoje, inspira diversas mulheres e movimentos na luta pela igualdade de direitos e gêneros por todo o mundo.

Ines249

Contra o **marxismo**, vire à direita

Poucas obras são tão polarizantes quanto a de Marx. Entenda os pontos polêmicos sob a ótica política, econômica e cultural



"O Viagra fez mais pela humanidade do que 200 anos de marxismo". A frase polêmica foi proferida pelo filósofo brasileiro Luiz Felipe Pondé, no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, no ano de 2011. De fato, embora a comparação em tom de deboche possa parecer absurda, o próprio autor escreveu depois que ela é, na verdade, bastante séria em termos filosóficos, sociológicos e psicológicos.

"Minha crítica não é ao marxismo como método materialista enquanto tal. Considero o método materialista uma ferramenta, entre outras, bastante eficaz na análise da história e da sociedade. O que considero delirante é sua dialética metafísica envergonhada em nome do 'bem político': a história não está caminhando para lugar nenhum, e a violência entre as classes é parte da violência generalizada do mundo, sem foco, sem destino, sem causa 'racional', e quem se diz a favor do 'bem político' é só gente autoritária e mentirosa", escreveu Pondé em sua coluna na *Folha de São Paulo* após a repercussão.

Obviamente, o filósofo brasileiro não está sozinho nessa. A figura e a ideologia de Karl Marx mudaram o mundo de forma profunda, mas também polarizada. E, não à toa, o pensador colecionou uma legião de críticos que, não raras vezes, atacam tanto sua obra quanto sua pessoa.

Pontos fracos

Em uma vídeo-aula publicada pelo canal A Casa do Saber, o professor de ética da Universidade de São Paulo (USP) Clóvis de Barros Filho afirma que os leitores mais assíduos da obra de Marx, muitas vezes, acabam se tornando críticos ferrenhos. As críticas ao marxismo estão focadas em elementos como a ditadura do proletariado, ou seja, o estabelecimento de um Estado totalitário, antidemocrático, que exerceria controle exagerado sobre a vida de seus cidadãos.

O professor João Luís de Almeida cita outros fatores: "Também há críticas ao fato de que o Estado socialista, ao eleger líderes e níveis de poder, pode se tornar um capitalismo de Estado, com a concentração de benefícios nas mãos daqueles poucos que comandam a máquina pública socialista; o uso da força no processo revolucionário é igualmente outro fator de críticas em relação à obra do filósofo alemão", elenca o especialista.

A propósito, quanto ao uso da força, vale lembrar que, quando o termo revolução costuma ser empregado, a falácia pode tomar conta do debate. Mas, dentro do marxismo, até que ponto a tomada de poder envolve de fato a violência e a luta armada? A teoria clássica marxista esboçada na obra *A Ideologia Alemã* preconiza que a revolução se estabelece a partir do surgimento de forças de oposição capa-

zes de antagonizar com as camadas ou classes dominantes em virtude do esgotamento de suas possibilidades e excessos praticados no tocante a exploração dos grupos subjugados.

"No caso do capitalismo, especificamente, o monopólio dos meios de produção pelos capitalistas, que para aumentar a mais-valia, diminuem os recursos repassados na compra do trabalho do proletariado, gerando sua exaustão e condições cada vez mais impróprias de vida, levaria ao levante destes operários contra seus patrões e desencadearia a revolução. A alternativa democrática de acesso da esquerda ao poder existe, mas as regras e estruturas vigentes poderiam ser alteradas? A posse dos meios de produção pelo Estado seria possível num regime constitucional, republicano e democrático?", indaga Almeida.

Alternativa

Entre os principais opositores ao pensamento marxista se situam economistas, filósofos e estudiosos de diferentes áreas que defendem estruturas políticas variadas, que vão do liberalismo econômico ou do neoliberalismo até à social-democracia. "No âmbito internacional, os grandes nomes de destaque são Peter Singer, Raymond Aron e Leslie Page. No Brasil, o protagonismo sempre foi dado para o falecido Roberto Campos, que ocupou os cargos de deputado federal, senador e ministro do Planejamento no governo de Castello Branco", cita o professor. Mas nenhum deles teria se tornado relevante caso não tivessem bebido da fonte de Adam Smith.

Anterior a Marx, o filósofo e economista britânico teve como cenário de sua vida o atribulado século das Luzes (XVIII). Considerado o mais importante teórico do liberalismo, Smith acreditava que a iniciativa privada deveria agir livremente, com pouca ou nenhuma intervenção governamental.

Assim, tentava provar que a riqueza das nações resultava da atuação de indivíduos que, movidos pelo famoso *self-interest*, geravam o crescimento econômico e a inovação tecnológica, pois a competição livre entre os diversos fornecedores levaria não só à queda do preço das mercadorias, mas também às constantes iniciativas para baratear o custo de produção.

Doutrina?

Existe um discurso cada vez mais crescente de que o marxismo toma conta da academia – inclusive no Brasil. Há quem diga que, nas áreas de ciências humanas, professores limitam bibliografias e alunos são incentivados a orientar seus estudos sob este viés. Esta tese, entre outros aspectos, faz parte de um hall de acusações – o chamado "marxismo cultural" – que vem ganhando impulso entre setores da entidade ampla e diversa que é a direita política.

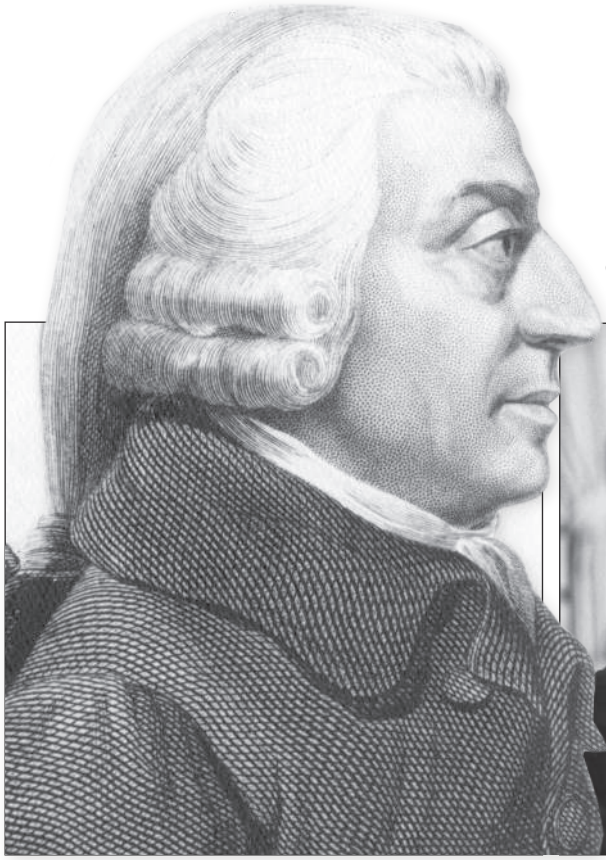
O discurso afirma que há uma escalada alternativa para a sociedade comunista, que seria pautada em pequenas mudanças gradativas na cultura ocidental e nas instituições em detrimento da tomada do poder à força, modelo de implantação do comunismo supostamente fracassado no século passado.

"De fato, as licenciaturas em áreas do conhecimento relacionadas às ciências humanas no Brasil têm na linha de pensamento marxista uma de suas principais vertentes. Não é única, mas prevalece em várias instituições de ensino superior. Já foi maior este domínio, mas ainda acontece", afirma João Luís Almeida.

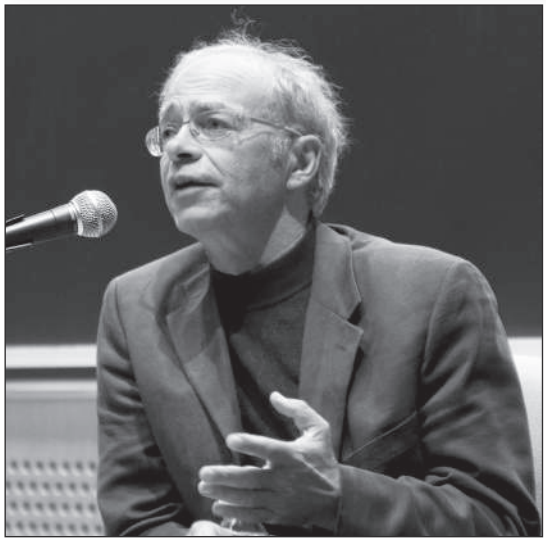
No que diz respeito ao Brasil, o professor afirma que os aspectos globalizantes, como as mídias atuais, em especial a internet, "tendem a tornar mais ínfimos os espaços para a disseminação de ideologias que contrastem ou contrariem o modelo capitalista, afastando as novas gerações deste pensamento mais radical e, inclusive, modificando o viés de formação nas universidades brasileiras, até mesmo nas áreas mais resistentes, como em cursos de ciências humanas", finaliza.

CONSULTORIA

João Luís de Almeida, formado em história pela Universidade do Vale do Paraíba (Univap) e professor e coordenador de Tecnologia Educacional e Mídias Digitais do Sistema Poliedro.



Publicada em 1776, a principal obra de Adam Smith foi *A Riqueza das Nações*. Nela, o britânico tentou diferenciar a economia política da ciência política, assim como a ética da jurisprudência. Além disso, fez duras críticas à política mercantilista e sua intervenção irrestrita na economia



WIKIMEDIA COMMONS E REPRODUÇÃO

O fator religioso

Marx se tornou reconhecido como um crítico sagaz da religião devido à sentença clássica de que ela seria o ópio do povo. Mas, mesmo tendo se ocupado pouco em criticar sistematicamente a atividade religiosa, este fator pode ter sido um empecilho para que suas ideias fossem mais bem aceitas por mais camadas da sociedade.

"É provável que a expressão que qualifica os cultos de qualquer natureza como sendo algo que aliena a população tenha tido alcance, sim. A Igreja, a partir de seus grupos e representantes mais conservadores, atuou contra o marxismo e, certamente o fez de forma consistente e feroz, como se pode ver no apoio dado aos militares no Brasil a partir de 1964", destaca o profissional. Por outro lado, vale lembrar do surgimento de alas da igreja católica que se aproximaram do pensamento marxista e deram origem à Teologia da Libertação, que contou com expoentes como Gustavo Gutierrez e Leonardo Boff.

Ines249

Da crise ao COLAPSO

Pouco glamour e anonimato marcaram os últimos anos de um dos maiores pensadores da História

Se a produção intelectual de Marx ainda reverbera pelo mundo e inspira ideais revolucionários, sua vida pessoal é tema de embates e contradições. As críticas, em sua maioria destinadas às obras do filósofo, têm cada vez mais se lançado à investigação dos pormenores familiares. De 1843, ano que daria início à suas aventuras radicais, à sua morte, em 1883, os acontecimentos se mantêm nebulosos – e alguns deles apontam para um Karl destituído da glória que parte de seus admiradores sustentam religiosamente.

HISTÓRIA EM FOCO

Ano 3, Nº 30 - 2026

COORDENADORA DE REVISTAS DIGITAIS Hérica Rodrigues (herica.rodrigues@astral.com.br)
REDAÇÃO Ana Carvalho (ana.carvalho@astral.com.br), Ana Kubata (anabeatriz.kubata@astral.com.br), Fernanda Villas Bôas (fernanda.villasboas@astral.com.br) e Gabrielle Aguiar (gabrielle.aguiar@astral.com.br) **DESIGN** Angela Soares (angela.soares@astral.com.br) e Roberta Lourenço (roberta.lourenco@astral.com.br)

Conteúdo produzido e publicado originalmente na revista: **Ler & Saber - Ano 7, nº 13 - 2018**

DIREÇÃO João Carlos de Almeida e Pedro José Chiquito
CONTATO atendimento@astral.com.br **ENDEREÇO** Rua Joaquim Anacleto Bueno, 1-70, Setor M83 - Jardim Contorno, Bauru - SP - CEP: 17047-281

alto astral editora

©2026 EDITORA ALTO ASTRAL LTDA. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO.

Ines249

Eu vos declaro...

Marx se casou com Jenny, filha de um de seus maiores influenciadores, o barão Ludwig von Westphalen. Mas o matrimônio não foi consentido pelo amigo e tutor, afinal, ele deixou claro que não considerava Marx um bom partido quando não compareceu ao casamento dos dois. A mãe de Jenny, no entanto, presenteou a filha e o genro com pratarias, jóias e um baú de dinheiro. Este último, efêmero, seria distribuído a alguns amigos do casal que enfrentavam dificuldades financeiras.

A dependência de amigos e o limítrofe da pobreza seriam a marca da vida a dois de Marx e Jenny. Seus ideais revolucionários – e a constante peregrinação causada por eles – teriam consequências cruéis na construção familiar.

A amizade com Engels seria crucial para a sobrevivência deles. O amigo cedia mesadas que mantiveram a família, ainda que precariamente, e financiaram as investidas intelectuais de Karl. As dificuldades se iniciaram logo após a morte de seu pai, Herschel Mordechai, em 1838. Ainda assim, Marx manteve-se firme em seus ideais, e Jenny o apoiou incondicionalmente.

Tragédias e além

Apesar das grandes aventuras em parceria com sua esposa, Marx se envolveu com a governanta da família, Helene Demuth, com quem teve um filho bastardo. Com intervenção direta de Engels, ele seria posto para a adoção, e Marx nunca mais o veria. Porém, Eleanor, uma das filhas de Karl e Jenny, se aproximou do menino e descobriu a verdade. Fez questão de expor os fatos publicamente e, não fosse seu suicídio em 1898, teria trazido à tona muitas outras particularidades de seu pai.

Eleanor foi uma dos sete filhos dos Marx. Destes, quatro morreram. Ao que tudo indica, as mortes estão ligadas à precariedade em que eles viviam, tendo, inclusive, penhorado roupas de frio no inverno para sobreviver. Quando não eram despejados, viviam à procura de maneiras para se esquivar dos locadores.

Jenny morreu em 1881 e Marx sentiria os efeitos da separação de sua fiel companheira – sobretudo por ter sido proibido de comparecer ao seu enterro. Dois anos depois, seria encontrado morto pelo inseparável amigo Engels, próximo à lareira. As causas oficiais estão relacionadas a uma profunda depressão e agravamento de problemas respiratórios.

A ironia do legado do pensador é atribuída à sua desorganização. Os royalties de *O Capital* seriam pagos depois de ele ter sido enterrado em Highgate, numa cerimônia modesta com menos de 15 pessoas. Morto, Marx não era famoso no século XIX. A fama e influência de seus ideais seriam propagadas, principalmente, por Wilhelm Liebknecht, um dos fundadores do Partido Social-Democrata alemão.

Seu espírito pairou fortemente sobre o último século e continua a nos cercar. Sobretudo em grandes crises, como as de 1929 e 2008, seus ideias ganham força e colocam sob os holofotes os problemas do capitalismo, questionando a sustentabilidade do sistema que tem efeitos colaterais visíveis na formação da sociedade moderna.

De um lado a outro

Marx contestava para além de um sistema econômico, o político. Isso, é claro, desagradava os centralizadores que tinham o poderio armado de suas forças especiais. Expulsos da França, em 1845, ele e a esposa mudaram para Bruxelas onde, como condição de permanência, deveriam ficar longe da política. É claro que não o fizeram. Com o lançamento do *Manifesto Comunista* em fevereiro daquele ano, foram expulsos de volta à França. A última e definitiva parada seria em Londres, em 1849, que marcaria os últimos – e difíceis anos – dos Marx.

SHUTTERSTOCK IMAGES

UMA PAIXÃO INESPERADA, UMA MORTE SUSPEITA E A INEXPLICÁVEL CONEXÃO ENTRE DUAS IRMÃS.

Quando sua irmã caçula morre, a empresária Emily se vê obrigada a pausar sua vida profissional para se isolar com a única sobrinha e o cunhado na fazenda da família. E lá, enquanto tenta reconstituir as últimas semanas de vida de Evelyn, Emily se aproxima do cunhado André e do jardineiro Juan, em uma investigação cheia de surpresas e desejo. Com a descoberta do diário de Evelyn escondido na casa de bonecas, Emily confronta o próprio passado, descobre o presente e reescreve seu futuro!